

A CONSTITUIÇÃO DO ACERVO DE ARTE SACRA DO MUSEU SOLAR MONJARDIM (ES)

Fuviane Galdino Moreira
moreira.fuvi@gmail.com
Mestranda em Artes - PPGA – UFES

Resumo: O objetivo deste trabalho é reconstituir o histórico do Acervo de Arte Sacra do Museu Solar Monjardim, fundamental para nossa pesquisa de mestrado que retende identificar a origem, procedência e datação de uma série de imagens deste acervo, aprofundando os resultados obtidos em nossa monografia de graduação intitulada *Análise tipológica dos estofamentos das esculturas do acervo de arte sacra do Museu Solar Monjardim*. Para o presente trabalho, além da leitura de bibliografia específica sobre a história do Espírito Santo, também pesquisamos a respeito do Museu e de seu acervo em documentos históricos e artigos de jornais nos arquivos da Cúria Metropolitana de Vitória, do Núcleo de Conservação e Restauração da UFES e do IPHAN-ES, além de realizarmos entrevistas.

Palavras-chave: Acervo de Arte Sacra. Museu Solar Monjardim. Imaginária

A CONSTITUIÇÃO DO ACERVO DE ARTE SACRA DO MUSEU SOLAR MONJARDIM (ES)

O acervo de arte sacra do Museu Solar Monjardim pertencia originalmente ao Museu de Arte Religiosa, que começou a funcionar em 20 de julho de 1945, na Capela de Santa Luzia, a partir do Decreto governamental de 1939. Sua criação se insere num contexto de preocupação com o patrimônio, cujo marco foi a criação do IPHAN, na época SPHAN, no governo de Getúlio Vargas, em 1937. De acordo com um levantamento efetuado em 1963, o acervo contava inicialmente com 373 peças entre imagens, oratórios, mobiliários e outros objetos.

A Capela de Santa Luzia, construída no século XVI sobre uma rocha, na cidade alta, na rua José Marcelino, pelo Donatário Duarte Lemos, é o edifício de fundação mais antigo de Vitória. Mediante sanção da Lei Provincial nº 5 de 28 de julho de 1845, foi aprovado o compromisso da Irmandade de Nossa Senhora dos Remédios, que funcionava anexa à igreja de Santa Luzia. Segundo Elmo Elton em sua obra intitulada *Velhos Templos de Vitória e outros Temas Capixabas* (1987), essa irmandade celebrava todos os anos, no dia 13 de dezembro, a festa de Santa Luzia. A procissão sempre conduzia dois andores: o de Santa Luzia e o de Nossa Senhora dos Remédios. Também teria funcionado nessa capela a irmandade de Santa Luzia.

A igrejinha de Santa Luzia funcionou, normalmente, até 1928, conforme o catálogo de bens culturais tombados no Espírito Santo. Também consta que, embora precário o seu estado de conservação, ainda em 1919 eram celebradas missas semanais ali. Em 1943, o estado de conservação da capela se agravou, sendo necessária uma restauração, dirigida então pelo engenheiro Paulo Barreto e executada pelo construtor André Carloni. Neste período, o SPHAN (Serviço de Patrimônio Histórico e Artístico Nacional) havia indicado a Capela para tombamento, concluído em 1946. Em 20 de junho de 1945, como consta no Cadastro Nacional de Museus, Departamento de Museus do IPHAN, após o término da restauração, nela foi instalado o Museu de Arte Religiosa.

O Jornal *A Gazeta*, do Espírito Santo, registra a relevância desse museu não só para Vitória, como para outros Estados brasileiros e até mesmo para outros países. São relatadas visitas feitas a esse museu nas décadas de 50 e 60, como o mostram as fotografias da página seguinte. Encontrados no arquivo do IPHAN, estes recortes de jornais nos informam, inclusive, sobre a forma de aquisição de algumas imagens, citando os nomes de seus doadores.

A Gazeta de 11.04.1957

"A Gazeta 05.11.1960"

145 pessoas visitaram Museu de Arte Religiosa em setembro último

O Museu de Arte Religiosa (antiga Capela de Santa Luzia) foi, durante o mês de setembro último, visitado por 145 pessoas, total desse de que foram parcelas: 13 homens, 25 mulheres e 106 menores.

Procedentes deste Estado 122 pessoas efetuaram essas visitas, 16 de outros Estados e 1 da América do Norte.

MUNICIPIOS

Os visitantes, por municípios são os seguintes: Vitória, 106, Afonso Cláudio, 3; Cariacica, 11; Colatina, 1; Espírito Santo, 6 e Linhares, 1.

Foram os seguintes os números dos residentes em outros Estados que concorreram para aquela visita: Guanabara, 8; Bahia, 1; Minas Gerais, 5 e São Paulo 1.

VISITANTES ILUSTRES

Entre as pessoas que visitaram o Museu, destacamos as seguintes: Governador Carlés Lindenberg e Embaixador John Moors Cabot, dos Estados Unidos, além do general Cyro da Silveira e Desembargador Gumerindo de Souza Mendes.

MUSEU DE ARTE RELIGIOSA

O Museu de Arte Religiosa (antiga Capela de Santa Luzia) foi, durante o mês de Março último, visitado por 102 pessoas, total desse de que foram parcelas:

30 homens, 64 mulheres e 8 menores.

Procedente deste Estado 98 visitantes e de outros Estados 4, sendo de:

Vitória	84
Alegres	1
Cariacica	3
Espírito Santo	9
Mimoso do Sul	1 98
Outros Estados:	—
Distrito Federal	2
Estado do Rio	1
Minas Gerais	1 4
TOTAL	102

Números de dias úteis: 2.

O Museu recebeu o seguinte doativo: — Pequena imagem de N. S. da Conceição — Trabalho em gesso — oferta do sr. Clodoaldo do Nascimento.

Jornal *A Gazeta*: 12 de junho de 1984, p. 1

O Museu de Arte Religiosa funcionou na Capela de Santa Luzia até 1966, quando seu acervo foi então incorporado ao do Museu Capixaba. Criado por meio do Decreto nº 10610 de 3 de junho de 1939, o Museu Capixaba teve sua primeira instalação numa sala no Quartel da Polícia Militar, no Parque Moscoso. Suas atividades, iniciadas em 1940, permaneceram nesse local até

1952, quando então foi transferido para a residência Solar Monjardim, que havia sido alugada pelos descendentes do Barão Alpheu Adelpho Monjardim de Andrade e Almeida que, nesse período, funcionava na residência e chácara dos herdeiros do Barão de Monjardim. Em 1954, após a criação da Universidade do Espírito Santo (pelo Governo do Estado), a administração do Museu foi entregue, em caráter experimental, à mesma Universidade.

Em 17 de janeiro de 1966, por meio da Lei nº 2.204, o Governo transferiu esses dois Acervos para a guarda da Universidade Federal do Espírito Santo (UFES) - federalizada em 1961. Assim, criou-se um único Museu, denominado Museu de Arte e História da UFES, declarado de utilidade pública por meio do Decreto nº 2.272, de 30 de novembro de 1966, ano em que funcionaria ainda no Solar Monjardim. Para assumir a direção desse Museu, foi nomeado o Prof. Christiano Woelffel Fraga.

Em 1969, o Museu de Arte e História da UFES foi fechado à visitação pública devido às obras de restauração que se iniciaram nesse local, sob as ordens do IPHAN. O acervo de Arte Sacra, nesse período, foi encaixotado, permanecendo guardado nessas condições até o final de 1979.

Em 1976, o imóvel, capela Santa Luzia ainda encontrava-se desativado. Então, foi solicitado ao SPHAN, a cessão do imóvel para a instalação de uma Galeria de Arte Contemporânea que recebeu o nome de Galeria de Arte e Pesquisa da Universidade Federal do Espírito Santo, mantida em parceria com o SPHAN. Consta no Jornal *A Gazeta* do dia 24 de junho de 1976 a inauguração dessa Galeria, às 20 h, no dia 25 de junho desse mesmo ano. Seria uma forma de aumentar a fronteira das exposições possibilitando ao artista capixaba mostrar sua criatividade.

O requerimento ao Patrimônio Histórico Nacional da Capela Santa Luzia, que havia estado fechada durante três anos, seria um sonho antigo do Centro de Artes como informou seu diretor, Paulo César Simões Magalhães ao Jornal *A Tribuna* do dia 26 de junho de 1976.

Nesse mesmo ano, a UFES – representada pelo Reitor Rômulo Augusto Penina – e o próprio IPHAN firmaram um novo convênio para a abertura e o funcionamento do Museu, o que de fato aconteceu em março de 1980.

Reinaugurado o Solar, poucas peças do antigo “Museu de Arte Sacra” puderam ser expostas, a grande maioria continuou guardada dentro de uma sala, a única disponível, e longe das condições ideais de sua preservação.

Dessa forma, diante de suas possibilidades, Sebastião Pimentel Franco e Rachel Diniz promoveram uma higienização do acervo, tentando acondicioná-lo de acordo com a estrutura de que dispunham, iniciando também uma campanha junto às autoridades competentes e junto à imprensa local com o intuito de reativar o Museu de Arte Sacra.

O Jornal *A Gazeta* de 12 de junho de 1984 faz uma reportagem sobre o Acervo de Arte Sacra tendo como título *Entidades Culturais brigam pela posse da Capela Santa Luzia*. Se de um lado o artigo escrito por Álvaro Muniz expõe um grupo de pessoas que lutavam pela reativação do Museu de Arte Sacra na Capela Santa Luzia, também havia aqueles que defendiam a permanência da Galeria de Arte e Pesquisa da UFES ativada nessa Capela desde 1976. Os que lutavam pela reativação do Museu, segundo Muniz, concordavam com a ocupação da Capela pela Galeria, o que seria explicado devido à desocupação do espaço. Contudo, diante do estado de conservação do acervo era necessário rever essa situação.

Para a vereadora Maria Elizabeth Osório da Costa (Beth Osório), rever a localização do acervo e a reabertura do museu se justificaria em primeiro lugar pelo término do prazo de convênio entre a UFES e o SPHAN. Além disso, estava a deterioração do acervo que transportado para o Museu Solar Monjardim (na época, também desativado) estava mal acondicionado.

O Coordenador do Museu da UFES, na época o Prof. Sebastião Pimentel Franco também empenhado na reativação do Museu de Arte Sacra considera a

importância de se fazer conhecê-lo. Declarou ainda que a exposição desse acervo seria “uma questão prioritária para a população”. Isso também era enfatizado pela restauradora Rachel Diniz, que falava da necessidade de cuidados especiais às peças do acervo, há 10 anos encaixotadas. Quanto mais o tempo passasse, exemplifica a partir do altar mor da Capela Santa Luzia, maior seria o trabalho de sua restauração, a mesma preocupação se aplicava às peças do acervo.

A diretora da Galeria de Arte e Pesquisa e professora do Centro de Artes da UFES Jerusa Samu defendia a permanência da galeria na Capela Santa Luzia cujo espaço, localizado no centro de Vitória, seria mais fácil para atrair os artistas e o público em geral. De toda forma, Jerusa Samu considerava tanto a Galeria quanto o museu patrimônios importantes para a sociedade contando que nada prejudicasse a terceiros. Assim, ela propôs uma discussão no âmbito da universidade com as partes interessadas participando. Na página seguinte expomos dois recortes do jornal *A Gazeta* de 1984 que mostra um pouco da opinião dessas pessoas em relação à reabertura e a conservação do acervo do Museu de Arte Sacra.





Jornal *A Gazeta*: 12 de junho de 1984, p.1

Na década de 80, o então diretor do Museu Solar Monjardim, o museólogo Sebastião Pimentel Franco, e a restauradora Rachel Diniz Ferreira, ambos professores da UFES, organizaram duas exposições temporárias nas dependências do Museu Solar Monjardim. A apresentação do conjunto dessas imagens no evento cultural promovido por esses professores denominou-se *Arte Sacra*. Ocorreu em 1984, reunindo uma pequena parte do Acervo (as peças que consideraram estar em um bom estado de conservação). O objetivo principal era mostrar à população e aos órgãos responsáveis a importância dessas imagens e a necessidade de sua divulgação. Outra exposição na década de 80, realizada por Franco e Ferreira, buscou sensibilizar as autoridades competentes e o público em geral para que lutassem pela preservação do acervo. Essa nova mostra, que se intitulou convenientemente com o trocadilho *Quando o santo não faz milagre*, reuniu 78 peças que estavam em precário estado de conservação.

Dessa forma, foram elaborados dois relevantes projetos: um, por Sebastião Pimentel Franco, para o levantamento fotográfico e o cadastramento do acervo, que foi o primeiro levantamento do acervo (esculturas e alfaias); o outro, por

Rachel Diniz Ferreira, destinado à organização da reserva técnica, para melhor guardar e conservar esse acervo.

Desse segundo projeto, resultou um convênio com a então Diretora do Centro de Artes da UFES, Maria Helena Lindenberg Coelho Amoedo Lopes, para a realização dessa meta. Em 1988, foi firmado esse Convênio pela Resolução nº 1/CD/CAR, por meio do Núcleo de Conservação e Restauração do Centro de Artes da UFES (NCR/CAR/UFES) que permitiria, dentre os objetivos propostos, restaurar as imagens do acervo, preocupando-se também em melhor definir o lugar de seu acondicionamento.

Com esse intuito, foi criado outro convênio em 1995, entre o IPHAN, por meio de sua Diretora, na época, Tereza Carolina Frota de Abreu, com o NCR/CAR/UFES para a restauração do acervo, visando à criação de um Museu especificamente de Arte Sacra. Justificava esse novo convênio o fato de o acervo do Museu Solar Monjardim possuir ampla variedade de peças, e não apenas esculturas, havendo conjuntos de armamentos e móveis pertencentes à família Monjardim.

No Ofício nº 14/ 2010/ do NCR/ CAR/UFES, verificamos que de 1996 a 2009 foram restauradas 139 peças. É importante ressaltar que atualmente ainda há peças em processo de restauração. A localização definitiva das peças restauradas ainda não foi definida pelo Instituto Brasileiro de Museus (IBRAM), órgão criado pela Lei nº 11.904/2009, atualmente responsável pelo acervo, enquanto que ao IPHAN, antigo responsável por ele ficou destinado à fiscalização de sua conservação. Por enquanto, há umas imagens que foram enviadas ao Museu Solar Monjardim; outras, para a Capela de Santa Luzia; e algumas ainda estão no Núcleo Conservação e Restauração. A localização exata dessas peças também é um dos objetivos de nossa pesquisa.

A maior parte do acervo, conforme documentos do IPHAN, foi obtida dentro do Estado do Espírito Santo. Algumas peças se adquiriram por meio de doações,

e outras se obtiveram pela Comissão Administradora do Museu de Arte Sacra, com recursos provenientes do Estado

Ao estudarmos o acervo, identificamos a presença de objetos sacros feitos com diversos tipos de materiais: madeira, terracota, pedra sabão, bronze, ferro, cobre, prata, gesso, madrepérola, porcelana e osso. O levantamento de dados dessas imagens nos permitiu ter uma ideia aproximada da quantidade de esculturas por iconografia. Mas, acerca disso, é importante ressaltarmos que há atribuições iconográficas questionáveis, ora pela falta de elementos que caracterizam os atributos, importantes para a identificação da peça, ora por não se coincidirem as características iconográficas de representação dos santos com aquelas das esculturas. As imagens intituladas como Rei Mago (fig. 1), por exemplo, apresentam a aparência de um Papa pelo uso da mitra. Também uma imagem tida como Cristo (fig. 2), provavelmente seja um São José. Outra é denominada como São Gabriel (fig. 3), mas a ausência de asas mostra que essa atribuição iconográfica está incorreta.

Também consta no levantamento do acervo uma cabeça de Santo Ivo (fig. 4), porém a tonsura e a disposição da barba remetem a São Francisco, como o constatou Andrea Della Valentina, em sua Dissertação de Mestrado intitulada *Crônica de uma dispersão anunciada*: as imagens da capela da Ordem Terceira da Penitência e da igreja conventual de São Francisco de Vitória, de 2009. A constatação de possíveis equívocos na iconografia das imagens já havia sido feita, de forma mais sucinta, no Projeto de Mapeamento e Catalogação do Prof. Atílio Colnago (COLNAGO FILHO, 1995, p. 16), que, na época, também era coordenador do Núcleo de Conservação e Restauração do Centro de Artes da UFES. Esse projeto se baseou no Livro de Tombo do Museu de Arte Sacra, organizado pelo IPHAN, e no arrolamento das peças elaborado pelo Prof. Sebastião Pimentel Franco.



Figura 1 – Rei Mago / Papa



Figura 2 – Cristo / São José



Figura 3 – São Gabriel




Figura 4 – Cabeça de Santo Ivo / Cabeça de São Francisco de Assis

Fonte: Moreira, 2011.

De modo geral, as imagens de pequeno porte, como são a maioria do acervo ora em estudo, nos levam a sugerir que tenham sido doadas por pessoas que as possuam em oratórios em suas residências. Mas foram identificadas também algumas imagens de maior dimensão, que poderiam ter sido veneradas nas igrejas

De fato, a maioria das imagens do acervo de arte sacra tem procedência, datação e origem desconhecidas. Mas por meio de um estudo minucioso dos documentos antigos e das fichas iconográficas desse acervo encontrados no arquivo do IPHAN e do NCR, tivemos a possibilidade de identificar os doadores de algumas dessas imagens. Abaixo, há a fotografia de uma das fichas iconográficas encontradas no IPHAN.

MEC - UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO MUSEU DE ARTE E HISTÓRIA Sta. Luzia Seção: Arte Religiosa		Ficha n.º 137 Localização: reserva
Caracterização: S. José c/ pint. Dorada olhos de V	Natureza: Santo	
	Espécie: Imagem	
	Material: Madeira	
	Época:	
	Medidas: 0,25mX0,08m.	
	Procedência:	
Estado de Conservação: Regular.	Proprietário anterior: Manoel Pereira da Penha.	

	Modo de aquisição: Doação	
	Data:	Custo:
	Exposições:	
	Bibliografia:	
	Observações: Face e cabeça Coladas c/ a falta das mãos. Pintura bastante descascada.	
neg. n.º		
ex. n.º		
Data:	Data:	
Operador:	Responsável:	

A partir desses dados, preparamos uma tabela sobre essas esculturas, constando, dentre suas informações, eventuais dados sobre sua origem e procedência. Assim, foram identificadas, até o momento, incluindo cruzeiros, um total de 233 imagens. Acerca disso, enfatizamos que estamos em processo de identificação dessas imagens, estudando-as individualmente, o que esperamos concluir em breve ao visitarmos a Capela Santa Luzia.

Em suma, esperamos que nosso trabalho seja um subsídio para o aprofundamento de estudos congêneres sobre a arte sacra no estado do Espírito Santo, contribuindo para sua salvaguarda e preservação. Cabe destacar que esse acervo é de grande relevância para o Estado, pois reúne peças de diversas procedências, tanto particulares (oratórios domésticos) quanto coletivos, (igrejas e conventos, por exemplo), podendo ressaltar aqueles desativados no Estado, como o caso do Convento de São Francisco, atual sede da Cúria Metropolitana de Vitória e a Capela de Santa Luzia, primeira sede do acervo de arte sacra. Seu estudo auxiliará na compreensão das práticas religiosas no Espírito Santo dos séculos XVIII, XIX e XX.

NOTAS

1 O Solar Monjardim foi construído no final do século XVIII por determinação do Capitão Mor, Francisco Pinto Homem de Azevedo. Em 1816, sua filha D. Ana Francisca Maria da Penha Benedita Homem de Azevedo casou-se com o Coronel José Francisco de Andrade e Almeida Monjardim, e a residência passou a pertencer à família Monjardim. Posteriormente Alpheu Adelpho Monjardim de Andrade e Almeida (Barão) passou a residir no Solar Monjardim com a esposa e seus filhos. Daí em diante seus descendentes ocuparam-na sucessivamente. No governo do Dr. Jones dos Santos Neves a residência foi alugada aos descendentes do Barão para instalação do Museu Capixaba. Em 1966 há a transferência dos acervos do Museu Capixaba e do Museu de Arte Religiosa para a Ufes que criou um único museu, dando-lhes o nome de Museu de Arte e História. A desapropriação do terreno iniciada nesse mesmo ano foi concretizada em 1978 em decorrência de recursos financeiros do IPHAN e pelo respectivo mandato de emissão passado pela Justiça Federal, sendo que em 1969, tendo em vista o início de obras de restauração por parte do IPHAN o Museu foi fechado para visitação do acervo. Em 1979 a Ufes iniciou gestões junto ao IPHAN, visando um convênio para a abertura do Museu firmando-o em 1980.

2 Dossiê sobre o Museu capixaba (atual Solar Monjardim), Histórico – 21SR / IPHAN.

3 Dossiê Capela de Santa Luzia, Histórico - 21SR/IPHAN.

4 Há três tipos de mitra utilizadas pelo papa: a gloriosa (ornada de pedras e um círculo de ouro que lhe forma a base. Neste caso há uma tripla faixa dourada); a preciosa (também ornada, mas sem o círculo e base); e a argêntea (correspondente à mitra dos bispos).

Referências Bibliográficas

- ABREU, Tereza Carolina Frota de. **Museu de arte sacra**. 2008. Entrevista concedida a Fuviane Galdino Moreira, Vitória, 06 jun. 2008.
- APÓS TRÊS ANOS MUSEU DE SANTA LUZIA SERÁ ABERTO. **A Tribuna**, Vitória, 25 jun. 1976.
- ARTE & LAZER. **A Gazeta**, Vitória, 12 jun. 1984.
- BONICENHA, Wallace. Devoção e caridade: as irmandades religiosas na cidade de Vitória-ES. Vitória. 1. ed. Multiplicidade, 2004.
- BRASIL. Decreto-lei n. 10610, de 3 de junho de 1939.
- BRASIL. Decreto-lei n. 2.272, de 30 de novembro de 1966.
- CARVALHO, José Antônio. A arte no Espírito Santo no período colonial-IV – Pintura e Escultura. **Revista de cultura da Ufes**, Vitória, n. 32, p. 1-108, 1985.
- DOSSIÊ Capela de Santa Luzia, Histórico – 21SR/ IPHAN.
- ELTON, Elmo. Velhos Templos de Vitória & Outros Temas Capixabas. Vitória, Conselho Estadual de Cultura, 1987.
- ETZEL, Eduardo. **O Barroco no Brasil**. 2. ed. São Paulo: Melhoramentos, 1974.
- ESPÍRITO SANTO. Lei Provincial nº 5 de 28 de julho de 1845.
- ESPÍRITO SANTO (Estado). **Lei nº 2.204, de 17 de janeiro de 1966**. Vitória, 1966.
- FILHO, Atílio COLNAGO. Mapeamento, Catalogação e Análise do Estado de Conservação do Acervo do Museu de Arte Sacra do Espírito Santo, 1995.
- FRANCISCHETTO, Idésio José Fim; VIEIRA, Heloisa da Silva. **Inventário do Acervo de Arte Sacra**. 2006-2007.
- GALERIA É INAUGURADA AMANHÃ. **A Gazeta**, Vitória, 24 jun. 1976.
- OFÍCIO nº 14/ 2010/ do Núcleo de Conservação e Restauração do Centro de Artes da Ufes.

MEGALE, Nilza Botelho. **112 Invocações da Virgem Maria no Brasil**: história, folclore e Iconografia. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 1986.

MOREIRA, Fuviane Galdino. **Análise Tipológica dos Estofamentos das Esculturas Policromadas do Acervo de Arte Sacra do Museu Solar Monjardim**. 2009. 142 f. Monografia – Trabalho de Conclusão do Curso de Artes Plásticas da Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória, 1995.

MUSEU SOLAR MONJARDIM. Vitória: [s.n.],[199-]. Catálogo de exposição.

Pacomio, Luciano y Vito Mancuso. **Diccionario teológico enciclopédico**. Trad. Alfonso Ortiz García. Navarra, España : Editorial Verbo Divino, 1995.

PEREIRA, Maria Cristina C. L. Algumas Questões para o Estudo da Imaginária Sacra no Espírito Santo. In: JORNADAS DO PATRIMÔNIO CULTURAL DO ESPÍRITO SANTO, 1., 2006. Vitória. 1 CD-ROM

SCHENONE, Hector H. **Iconografía del arte colonial: los santos**. Buenos Aires: Fundación Tarea, 1992, 2 vols.

VALENTINA, Andrea Della. **Crônica de uma dispersão anunciada**: as imagens da capela da Ordem Terceira da Penitência e da igreja conventual de São Francisco de Vitória. 2009. (Mestrado em Artes) - Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória, 2009.

Currículo Resumido:

Fuviane Galdino Moreira é mestranda em Artes, área de concentração em Patrimônio e Cultura, na Ufes; é graduada em Artes Plásticas nessa mesma Instituição. Desenvolve pesquisas sobre imagem sacra no Brasil e, mais precisamente, no Espírito Santo.